

Subjetividade em *Sense and Sensibility*, de Jane Austen

Subjectivity in *Sense and Sensibility*, by Jane Austen

Paulo César Melquíades Pinheiro Andrade¹

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Este estudo discute como a obra de Jane Austen, *Sense and Sensibility* representa relações subjetivas, da família, sociedade e dos indivíduos por meio da ironia, sagacidade e do sarcasmo, como uma técnica que aprimorou ao longo de sua criação literária. Além disso, os silêncios a ajudam a sugerir que algo sinistro é escondido pelos personagens, que revelam quais são suas segundas intenções. Assim, analisa-se as relações de poder e da família no romance, representados de forma crítica e irônica. Analisa as protagonistas, que sempre são representadas por meio de um olhar crítico sobre a sociedade em *Sense and Sensibility*. Jane Austen usa essas estratégias literárias para fornecer um retrato crítico daquela sociedade e principalmente para provocar efeitos sobre aqueles modos e comportamentos, que determinam a organização daquele ambiente provinciano. A representação de diversos tipos sociais proporciona ao leitor um sentido mais pitoresco em seus romances.

Palavras-Chave: Razão e Sensibilidade de Jane Austen; Subjetividade. Ironia e Sarcasmo.

Abstract: This study discusses how Jane Austen's *Sense and Sensibility* represents subjective relationships, family, society and individuals through irony, wit and sarcasm, as a technique that she improved throughout her literary creation. Furthermore, the silences help her to suggest that something sinister is hidden by the characters, who reveal what their ulterior motives are. Thus, power and family relations in the novel are analyzed, represented in a critical and ironic way. It analyzes the protagonists, who are always represented through a critical look at society in *Sense and Sensibility*. Jane Austen uses these literary strategies to provide a critical portrait of that society and mainly to provoke effects on those modes and behaviors that determine the organization of that provincial environment. The representation of different social types gives the reader a more picturesque sense in his novels.

Key-words: Jane Austen's *Sense and Sensibility*; Subjectivity. Irony and Sarcasm.

Submetido em 22 de setembro de 2022.

Aceito em 28 de novembro de 2022.

Introdução

Esta pesquisa apresenta uma discussão sobre o romance *Sense and Sensibility*. Primeiramente, será discutido um problema mimético nos romances de Jane Austen, ou mimesis, no sentido de Auerbach (1994), do eu interior de suas heroínas e heróis, construído a partir do ponto de vista do narrador, que escolhe uma das heroínas, por meio das quais investiga e representa o mundo que descreve em seu romance. Além disso, também emprega uma personagem vilã, como uma espécie de duplo na narrativa, para

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Tocantins. A presente pesquisa teve apoio financeiro da Capes. E-mail: paulomelquiades@gmail.com

realçar o caráter de outra personagem, bem como desenvolver a trama em torno dessa personagem.

Pode-se argumentar que **Sense and Sensibility**, além de propor uma discussão entre razão e emoção, amor exagerado e amor contido, podem ser considerado como uma discussão entre assumir uma atitude romântica ou uma maturidade emotiva e racional. Por ter Elinor como sua heroína (razão) e por querer demonstrar que a sensibilidade pode ser perigosa e inadequada em alguns momentos, é provável que Jane Austen opte por um estilo e estética contidos em sua produção literária como um todo.

Seu estilo é permeado por humor e ironia, na medida em que ela constantemente apresenta qualidades e traços positivos, que são imediatamente desfeitos por algum comentário irônico. Assim, podemos perceber em seus romances que ela desenvolveu estilos bastante elaborados, que se preocupam em investigar os modos e comportamentos da sociedade em que vivia. Além do mais, Jane Austen se preocupava em investigar o eu interior dos personagens, não em uma forma romântica de examinar sentimentos exacerbados, mas sim analisando seus pensamentos, falhas, ambições, medos, desejos e superficialidade.

1. A Investigação Subjetiva das Personagens

Louise West, da Casa de Jane Austen, afirma que Jane Austen foi a primeira escritora a inovar na escrita romances com recursos estéticos modernos. West (2005) afirma que

Não há dúvida de que ela mudou a face do romance. A caracterização dela é muito mais profunda [...]. A psicologia das personagens é algo que realmente não havia na literatura anteriormente. São pessoas reais, situações reais com as quais podemos nos identificar facilmente hoje. (WRIGHT, 2005).

Pela primeira vez na literatura ocidental, Jane Austen criou romances, preocupada com a investigação da subjetividade de suas heroínas e heróis. Os narradores oniscientes em seus romances sempre escolhem uma heroína, que se torna sua personagem que recebe mais destaque na narrativa. Através dessa protagonista, examina o mundo ao seu redor e também as outras personagens. Assim, o narrador investiga detalhadamente os pensamentos, emoções, sensações e angústias de sua heroína, a fim de ver o mundo através por meio de suas percepções. Nesse sentido, analisa os meandros de seus comportamentos, sentimentos, medos, ódio e amor. Por exemplo, temos Elizabeth

Bennet, bem como Elinor e Marianne Dashwood. Na verdade, alguns críticos argumentam (WRIGHT, 2005) que Jane Austen era profundamente apaixonada e apegada a essas personagens, talvez porque quisesse construir uma espécie de representação de seus próprios sentimentos e experiências em seus romances. Por exemplo, quando Marianne se apaixona por Willoughby e os dois começam a mostrar seu amor abertamente, o narrador julga essa situação adentrando e analisando os pensamentos de Elinor:

Elinor não se surpreendeu com o apego entre eles. Apenas desejava que tal sentimento fosse demonstrado menos abertamente, e uma ou duas vezes se atreveu a sugerir a Marianne que ela deveria agir com mais comedimento. Porém, Marianne odiava toda dissimulação quando nenhuma verdadeira desgraça poderia justificar a falta de franqueza. E empenhar-se em reprimir sentimentos que não eram em si mesmos censuráveis, parecia-lhe um esforço desnecessário, além de uma lamentável submissão da razão às noções convencionais e ao senso comum. Willoughby pensava o mesmo e o comportamento de ambos era uma ilustração de suas opiniões. (AUSTEN, 2012, p. 42).

Revelar os pensamentos, sentimentos e opiniões de Elinor é o mecanismo estético usado por Jane Austen para sugerir o domínio da bom senso e razão, que são mimeticamente retratados pela mente de Elinor. O narrador parece não usar ironia, humor ou sarcasmo em relação aos comportamentos, sentimentos e ideias de Elinor. Contudo, no momento em que o narrador revela algo sobre outras personagens, como Lady Middleton ou Sra. Jennings, imediatamente expressa suas opiniões e julgamentos por meio de sagacidade e ironia. Vejamos um exemplo:

A felicidade de Elinor não era tão grande. Seu coração não estava tão contente, nem sua satisfação era tão pura com as diversões nas quais tomava parte. Não havia companhia que pudesse substituir o que fora deixado para trás, ou de levá-la a pensar em Norland com menos pesar. Nem Lady Middleton ou Mrs. Jennings podiam oferecer-lhe o tipo de conversa que lhe fazia falta, ainda que a última fosse uma conversadeira infatigável, que desde o começo tinha gostado de Elinor – o que lhe assegurava participação em todas as suas conversas. [...] Já Lady Middleton era mais agradável que sua mãe, apenas por ser mais calada. Elinor precisou observá-la muito pouco para ver que sua reserva era apenas serenidade de ações e nada tinha a ver com bom juízo. Tratava o marido e a mãe da mesma maneira que tratava Elinor e sua irmã, em consequência, a intimidade não era algo que buscasse ou que desejasse. Nunca tinha algo a dizer que não tivesse sido dito no dia anterior. Sua insipidez era invariável, até seu ânimo era o mesmo... (AUSTEN, 2012, p. 42-43)

O narrador usa a ironia e o sarcasmo apenas para com as outras personagens, mas não para com Elinor. Se usa ironia e sagacidade nos pensamentos de Elinor é para criticar e julgar o comportamento e a “insipidez” da Sra. Jennings e Lady Middleton. Elinor e sua

família não desejam relacionamentos com eles, mas ela e sua família devem tolerar suas “civilidades” (a presença desagradável, os comentários de mal gosto e as especulações sobre os possíveis relacionamentos das irmãs), devido à sua trivialidade e comportamentos não polidos.

Os sentimentos de Marianne também são investigados pelo narrador e são uma oportunidade adequada para julgar sarcástica e ironicamente os modos de outra personagem:

Onde quer que fossem, ela evidentemente estava sempre alerta. Especialmente em Bond Street, onde se encontrava a maior parte das lojas, seus olhos estavam em constante procura, e, em qualquer loja que o grupo entrasse, ela, perdida em seus pensamentos, não tinha interesse em nada do que via a sua frente e que ocupava as outras. Distraída e insatisfeita em toda parte, sua irmã não conseguiu nenhuma opinião dela sobre nenhum artigo que queria comprar, mesmo que pudesse interessar a ambas, ela não tinha prazer em nada. Marianne estava impaciente para voltar a casa novamente, e com dificuldade conseguia controlar sua ansiedade diante do tédio de Mrs. Palmer, cujos olhos eram atraídos por qualquer coisa bonita, cara ou nova; que estava louca para comprar tudo, não podia decidir-se por nada, e perdia o tempo entre o êxtase e indecisão. (AUSTEN, 2012, p. 115)

Embora as mulheres queiram ajudar Marianne a superar sua desilusão com Willoughby, estão apenas interessadas em coisas triviais e tratar de assuntos secundários, como comprar roupas e adornos, ir a festas, falar sobre a vida de alguém e definir detalhes do casamento.

Nesse sentido, o narrador também analisa o comportamento, a superficialidade e o egoísmo de Lucy novamente na mente de Elinor: “Somente Elinor ficou triste ao vê-las. Sua presença sempre lhe causava dor, e ela teve dificuldade para responder com alguma gentileza à extraordinária alegria de Lucy ao descobrir que elas ainda estavam na cidade.” (AUSTEN, 2012, p. 149). Pode-se perceber os pensamentos de reprovação de Elinor em relação à Lucy Steeles. O narrador sugere que sua companhia era quase insuportável, o que só causa dor e repulsa a Elinor. Portanto, insinua que Elinor estava sem interesse e não tinha ideia de como lidar com sua visita desagradável:

Elinor começou a se sentir incapaz de suportar tanta impertinência, mas se salvou de ter que controlar-se pela energética repreensão de Lucy, que agora, como em muitas ocasiões, embora não conseguisse refinar os modos de uma irmã, certamente reprimia os modos da outra. (AUSTEN, 2012, p. 150)

Enquanto Lucy revela a Elinor seus sentimentos por Edward, Elinor fica angustiada e desconcertada, não consegue mais suportar a presença de Lucy, embora

disfarce muito bem. Assim, por meio desses sentimentos, o narrador tenta desvendar a superficialidade e o egoísmo da Srta. Steeles. À medida que as personagens se comportam dessa forma, toda a sociedade circundante pode ser analisada com certa superficialidade, assim como a Srta. Steeles.

Além disso, o sarcasmo também é uma forma de retratar a sociedade e a superficialidade, mais uma vez no pensamento de Elinor:

ali só havia um cavalheiro, e é provável que Elinor não deixasse de ter a esperança de despertar-lhe a cortesia para que despachassem logo seu pedido. Mas a precisão do seu olhar, a delicadeza do seu gosto, pareciam ser maiores que a cortesia do cavalheiro. Estava encomendando um paliteiro, e até que decidisse o tamanho, a forma e os adornos, depois de examinar e discutir por quinze minutos cada paliteiro da loja, para depois finalmente combinar tudo aquilo de acordo com sua imaginação, não tinha tempo para prestar atenção nas duas moças, com exceção de dois ou três olhares bastante atrevidos; um tipo de interesse que serviu para Elinor guardar na lembrança uma pessoa de rosto forte, natural e patentemente insignificante, embora trajada na última moda. (AUSTEN, 2012, p. 151).

O olhar crítico de Elinor sugere, de fato, aqui o olhar do narrador para com a sociedade, ou seja, as maneiras triviais, tediosas e meticulosas que fornecem uma máscara monótona e velada para uma sociedade provinciana que passava o tempo com futilidades.

Nesse sentido, Stephen Greenblatt, em sua obra **Renaissance Self-Fashioning**, (1984), analisa o conceito de **self-fashioning**, que pode ser traduzido por *autoformação*. Tal conceito pode ser entendido como o desejo e ação de um sujeito a fim de ascender socialmente, seja por meios lícitos como casamento, ou por maneiras escusas, como é o caso do rapto de Lydia pelo Sr. Wickham, em **Pride and Prejudice**. Para tanto, essas personagens usam os engodos da aparência e realidade, tentando criar uma imagem muito positiva sobre si mesmo. No entanto, se desmascaradas, revelam, na verdade, suas dimensões mais negativas.

Pode-se pensar que esse conceito é válido para o século de Jane Austen, um século de profundas mudanças de classe social na sociedade inglesa. O conceito de Greenblatt lida com a diferença de aparência e realidade, modos na vida privada e na vida social, que estavam no auge no início do século XVI até o final do século XVII. Ele ressalta que a autoformação sempre requer um *alien*, uma figura não muito bem aceita socialmente, que é personificado no romance de Jane Austen por figuras da classe média rural que tentam ser percebidas como pessoas muito educadas e respeitadas, para parecer pertencentes à classe social mais alta, como é o caso de Robert Ferrars em **Sense and Sensibility**. Essa imagem da autoformação também está corporificada em algumas figuras

masculinas que almejam crescer social e financeiramente através do casamento, que investem numa espécie de sedução ao gênero feminino, em uma espécie de violência velada, como o Sr. Wickham, em **Pride and Prejudice**, Sr. John Thorpe, na **Northanger Abbey**, e o Sr. Willoughby em **Sense and Sensibility**. Assim, pode-se perceber os movimentos entre a vida privada e a pública, o velamento de certos traços que criar conflitos entre as personagens, por meio desse tipo de autoformação na sociedade. Portanto, a autoformação, as maneiras “educadas” ou a suposta fortuna e o pretensão nascimento de berço não proporcionam nenhum tipo de sentido e aprovação mais profundos que, quando desmascarados, possam ser reconhecidos positivamente na narrativa.

Alguns críticos, como Egerton (1996) consideram este romance de Jane Austen como que constituído por um conjunto de oposições. Elinor representaria razão, bom senso e discrição, enquanto Marianne representa sensibilidade, paixão e espontaneidade (EGERTON, 1996). Contudo, Egerton (1996) também sugere que, embora o título deste romance dê essa dica, é um romance centrado na moderação; isso significa que

no final do romance, Elinor e Marianne são levadas ao meio-termo de equilíbrio representado pelo matrimônio; Elinor deve reconhecer a profundidade de seus sentimentos por Edward Ferrars e Marianne deve superar sua paixão por Willoughby. (EGERTON, 1996, p. V).

Esse tipo de oposição não é simplesmente fortuito, mas visa criar conflitos entre as personagens a fim de intensificar a tensão do romance. Mas também demonstra dialeticamente que nem o sentido nem a sensibilidade são suficientes para se conviver: o equilíbrio e a moderação seriam uma atitude adequada para conseguir conviver socialmente. Desta forma, tanto Elinor, quanto Marianne aprendem a modular, respectivamente, sua razão e sua emoção, a fim de diminuir suas angústias e sofrimento.

Nesse sentido, os pensamentos de Marianne é analisada pelo narrador. Assim, expressa suas opiniões sobre o Sr. Edward Ferrars:

O pobre Edward murmurou algo que ninguém entendeu, nem ele mesmo. Mas Marianne, percebendo sua agitação, e podendo facilmente atribuí-la a qualquer causa que lhe parecesse mais conveniente, sentiu-se completamente satisfeita e logo começou a falar de outra coisa. [...] E com essa discrição admirável, deixou para contar-lhe quando estivessem a sós que achava seus parentes mútuos mais desagradáveis do que nunca, e em especial o quanto sua mãe a desagradara. (AUSTEN, 2012, p. 165)

A situação cômica e, ao mesmo tempo, incômoda é direcionada à incapacidade de Edward de lidar com seus próprios sentimentos e desejos. Edward poderia ser visto no romance como um contraponto a Lucy e Robert, que se preocupam muito em esconder suas segundas intenções, a fim de obter vantagens financeiras e sociais, como veremos adiante. A ironia do narrador sugere que o que Marianne pode expressar abertamente, Edward e Elinor não são capazes de lidar ou enunciar. Assim, ironicamente, a desaprovação de Marianne por esse tipo de atitude contida será desconstruída, quando ela perceber que seu amor e apego são direcionados ao Coronel Brandon. Tanto Elinor quanto Edward se mantêm em silêncio, sem dizer nada sobre as pessoas ao seu redor. Mas o narrador vai fundo em seus pensamentos e explora seus silêncios para sugerir as incongruências e paradoxos do amor, do comportamento e da sociedade. O narrador de Jane Austen desenvolve procedimentos nunca experimentados antes na literatura e cria mecanismos miméticos que permitem revelar os sentimentos, pensamentos e julgamentos de suas personagens. Segundo Nazar (2004),

O julgamento é um assunto curiosamente social, uma vez que, mesmo que eu esteja sozinho na decisão, outras pessoas estão implicitamente presentes para mim: elas estão presentes porque o julgamento é baseado na comunicação – requer o teste de comunicação – e porque o processo de pensamento característico do julgamento requer que se leve em consideração, de maneira imaginativa, as perspectivas dos outros. (NAZAR, 2004, p. 159)

Egerton (1996) também afirma que **Sense and Sensibility** é um “produto do século XVIII e Marianne incorpora alguns dos melhores e piores impulsos da sensibilidade do século XVIII”. (EGERTON, 1996, p. V). Embora Marianne arrisque sua reputação ao se expor com Willoughby, ela não nega tampouco esconde seus impulsos e sentimentos. Egerton destaca que o romance de Jane Austen “não exige insensibilidade, mas discernimento. Pois, sem discernimento, podemos ser deixados à mercê dos John Dashwoods, ou Lady Middletons ou – “Ai de mim!” – as irmãs Steele”. (1996, p. Vi). Assim, Egerton encara o romance de Jane Austen com a mesma ironia encorajada pela romancista, ou seja, algumas personagens são vistas como muito superficiais, tolas e simplórias. É apenas no final do romance que Marianne poderá incorporar a moderação, que se supõe necessária para se viver em sociedade. Por isso, podemos afirmar que ela transforma suas emoções logo após ser exposta a muitas aventuras desagradáveis e angustiantes.

Outro procedimento estético importante empregado por Jane Austen é a introdução de um duplo na narrativa, geralmente uma personagem vilã. Funciona esteticamente para realçar o herói principal ou a personalidade da heroína, bem como para criar tensões entre os personagens principais. Por exemplo, temos em **Sense and Sensibility** Willoughby e Lucy Steeles, que têm o papel de contrastar fortemente Edward Ferrars e Coronel Brandon. Em **Pride and Prejudice**, a presença e comentários do Sr. Wickham fornecem um perfil inicialmente negativo do Sr. Darcy. O Sr. Thorpe, na **Northanger Abbey**, também cria a mesma dinâmica, pois fornece más impressões sobre os Tilneys. Na verdade, essas personagens vilãs desejam apenas tirar proveito da situação, tentando se casar com as protagonistas do romance. Desde o início da introdução desses duplos, eles parecem ser amigáveis e, por isso, desenvolvem dinamicamente a história e determinam seus rumos até certo ponto da narrativa. Por conseguinte, quando suas ações e vilanias são reveladas, a narrativa toma outros rumos. Por isso, principalmente as personagens masculinas, como Coronel Brandon, que pareciam ofuscadas e superficiais na narrativa, passam a revelar mais profundidade psicológica e emocional quando essas personagens vilãs são desmascaradas.

Além disso, essas personagens funcionam como uma estratégia para manter a tensão e revelar progressivamente o eu psicológico interior das protagonistas em contraste com seus comportamentos viciosos. Assim, em todos os romances de Jane Austen há essas personagens, que são inicialmente considerados benevolentes, mas no final são desmascarados e considerados estúpidos, maçantes e vilãs. Por exemplo, Willoughby funciona na narrativa de forma a desenvolver e revelar traços psicológicos de Coronel Brandon.

Um exemplo disso pode ser percebido na seguinte passagem. Quando o Coronel Brandon, Willoughby e os Dashwoods vão fazer um piquenique em Whitwell, Willoughby faz um comentário muito indutivo, negativo e depreciativo sobre o Coronel Brandon, já que este deixou o local às pressas sem muitas explicações:

Elinor, então, escutou Willoughby dizer em voz baixa para Marianne:
– Algumas pessoas não suportam a alegria dos outros. Brandon é uma delas. Acho que ele estava com receio de pegar uma gripe e inventou esse truque para escapar. Aposto cinquenta guinéus que a carta foi escrita por ele mesmo. (AUSTEN, 2012, p. 50)

Depois desse acontecimento, o Coronel Brandon começa revelar, aos poucos, quem Willoughby realmente é. Ao saber que Marianne deseja se casar com ele, o narrador afirma:

Ele a ouviu com atenção silenciosa, e quando ela terminou de falar, levantou-se imediatamente e disse com voz emocionada:
 – Desejo à sua irmã toda felicidade imaginável, para Willoughby desejo que ele a mereça. (AUSTEN, 2012, p. 121)

Como Willoughby então abandonou Marianne e se casou com a Srta. Gray, o Coronel Brandon diz a Elinor que o vilão amava a protegida de Brandon e a deixou grávida; ele afirma com muita seriedade:

– Agora você pode ver como é o seu caráter: gastador, libertino, e talvez pior que isso. Sabendo de tudo, como eu sabia há muitas semanas, imagine o que senti ao ver sua irmã tão apaixonada por ele como sempre, e na certeza de que iriam se casar, tente imaginar como me senti por causa de vocês. Quando estive aqui na semana passada, e a encontrei sozinha, estava decidido a saber a verdade, embora não soubesse o que fazer ao descobrir. Você pode ter achado meu comportamento estranho na ocasião, mas agora poderá me compreender melhor. [...] (AUSTEN, 2012, p. 144)

Uma dinâmica semelhante ocorre também em **Pride and Prejudice**. O Sr. Wickham tenta persuadir Elizabeth Bennet de que ele é uma vítima dos maus tratos, desrespeito, ciúme e sarcasmo do Sr. Darcy, já que ele o deixou à sua própria sorte, sem dinheiro e sem família. Como o Sr. Darcy se declara apaixonado por Elizabeth Bennet, ela o rejeita e exige uma explicação pelos motivos pelos quais o Sr. Darcy foi tão cruel com o Sr. Wickham. Então, Darcy responde a ela e explica em uma carta todos os mal-entendidos em relação a ele, que o Sr. Wickham deveria ser um padre, mas ele gastou todo o seu dinheiro em frivolidades e sempre lhe pedia mais. Além disso, Darcy descobriu que o Sr. Wickham pretendia se casar com a irmã de Darcy, Georgiana, uma de suas tentativas de tirar vantagem da situação deles e enriquecer. No entanto, quase no final do romance, o Sr. Wickham se revela um vilão que rapta Lydia, a irmã mais nova de Elizabeth, forçando um casamento às pressas para conseguir enriquecer com algum recurso do Sr. Bennet. Assim, essa atitude revela o caráter e a atitude benevolente de Darcy, na medida em que ele ajuda o Sr. Bennet a resgatar a filha e a reputação dos Bennets. Portanto, Jane Austen utiliza esse tipo de personagem vilã, a fim de relevar personagens e seu espaço interior de forma mais atraente. Além disso, enquanto estratégia narrativa, tem o objetivo de manter a atenção do leitor envolvida na história, como uma forma de adiar revelações inesperadas da trama.

2. A Investigação das Personagens: Silêncio, *Wit* e Ironia

Sense and Sensibility apresenta o conjunto de atitudes sociais de seus personagens, que tem a ver com as relações inerentes à sociedade inglesa do século XVIII e início do XIX. Dentre essas atitudes, temos o chamado código de gentileza, por exemplo, que era muito importante naquela época, pois visava manter uma sociedade bem organizada e ordenada em classes sociais. Os *gentlemen* proviam suas famílias e, às vezes, deviam ajudar alguma família sem recursos, uma vez que essa família havia perdido seu provedor. Em **Sense and Sensibility**, este problema aparece na relação entre a família da Mrs. Dashwood e o Mr. John Dashwood e sua esposa. John Dashwood devia ajudar a família do segundo casamento de seu pai, já que havia jurado cumprir a vontade de seu pai no seu leito de morte. No entanto, ele e sua esposa Fanny negaram qualquer ajuda financeira significativa para eles. Assim, as mulheres da família Dashwoods teriam se tornado uma família sem-teto, se uma família como a do Sr. Middleton não as tivesse ajudado com a oferta de um aluguel razoável. Jane Austen explora esse problema da falta de proteção para com as Dashwoods, visto que havia uma importância e impacto nas relações sociais daquela época.

Nessa situação complicada em que as Dashwoods se encontram, Jane Austen introduz tensões entre as personagens e o narrador usa principalmente a ironia, *wit* e o sarcasmo para intensificar, criticar e julgar esses problemas postos na narrativa. Segundo Long e Graesser (1988) “*Wit* será definido como qualquer coisa deliberadamente dita que provoque diversão em um contexto de conversação (ou seja, *vinculado ao contexto*). [...] depende muito mais do contexto de conversação anterior, do tópico da conversa, do conhecimento compartilhado entre o falante e o ouvinte e de aspectos da situação social.” (1988, p. 37). Assim, *wit* produz graça e riso, mas depende do contexto conversacional em que as informações devem ser partilhadas pelos interlocutores.

É importante notar que Jane Austen emprega principalmente os silêncios das personagens para cobrir esse problema e, portanto, sugerir que negar ajudar a própria família pode causar mais problemas futuramente, tais como dar as costas a John Dashwood por não ter ajudado as meias-irmãs. O compromisso social, nos romances de Jane Austen, especialmente em **Sense and Sensibility**, é tratado por meio desses recursos literários – ironia, sarcasmo, *wit* e silêncio –, o que provoca, em seus romances tensão desses problemas. Por exemplo, quando o Mr. Henry Dashwood morre e deixa o Mr. John

Dashwood o compromisso de cuidar de suas meias-irmãs e madrasta, o narrador afirma ironicamente que

O velho cavalheiro morreu, seu testamento foi lido e, como quase todos os testamentos, trouxe desilusões e alegrias. O cavalheiro não fora nem injusto nem mal agradecido ao deixar sua propriedade para seu sobrinho. No entanto, deixou sob tais condições que praticamente reduziram pela metade o valor da herança. Mr. Dashwood desejava essa propriedade mais por causa de sua esposa e de suas filhas, do que para si mesmo ou seu filho; mas a herança estava vinculada ao filho e ao seu neto, uma criança de quatro anos de idade, de tal maneira, que ele não tinha meios de garantir rendimentos para aquelas a quem amava e que mais necessitavam de apoio. Elas não poderiam receber qualquer quantia, nem mesmo pela venda da madeira de excelente qualidade que havia na propriedade. (AUSTEN, 2012, p. 8)

Apesar de John Dashwood ter o compromisso de ajudar as irmãs, ele não compre com sua promessa. O narrador constrói a personagem de Sr. John Dashwood, tendo em mente que tipo de maneiras e comportamentos seriam esperados dele: “John Dashwood não era um jovem de má disposição, a menos que se considere assim um homem um tanto frio e egoísta, mas, de modo geral, era respeitado, já que agia corretamente e cumpria com suas obrigações” (AUSTEN, 2012, p. 9). O narrador usa a ironia no sentido um tanto sócrático: ela apresenta um argumento – *não era um jovem de má disposição* – mas é logo desconstruído quando ela propõe um contra-argumento – *a menos que se considere assim um homem um tanto frio e egoísta* – o que cria uma tensão significativa de silêncio sutil, que apenas sugere ao leitor a possibilidade de haver alguma atitude negativa de John Dashwood. Além disso, esse tipo de ironia é poeticamente mais intenso e impressionante do que o uso comum de dispositivos de linguagem fornece. A ironia que mina o romance pode ocasionar suspeitas sobre a falta de comprometimento de Dashwood para com suas meias-irmãs e sua madrasta.

Na verdade, o narrador critica a atitude e o caráter superficial de Sr. John Dashwood. Mas faz tal crítica de uma forma irônica, o que proporciona ao leitor certa hilaridade que envolve o leitor no romance. O contraste entre a preocupação e a bondade do pai de John e a hipocrisia e mesquinhez de seu filho cria uma sensação bastante surpreendente e, por esse forte contraste, um efeito de certo desprezo por ele. Nesse sentido, Nazar (2004) argumenta que

A preocupação central de Austen com o julgamento independente está implícita nas páginas iniciais de **Sense and Sensibility**, que nos apresentam uma ordem social em rápida mudança, na qual as jovens da pequena nobreza adquirem responsabilidades sem precedentes. Com a morte de seu pai, as irmãs Dashwood devem começar a se preocupar não apenas com dinheiro, mas também com seus interesses não pecuniários,

já que não há figuras patriarcais por perto para cuidar delas. Seu meio-irmão, John Dashwood, exemplifica o novo homem econômico e não está disposto a assumir o papel tradicional de guardião masculino, que o Sr. Knightley em **Emma** (1816) está tão ansioso para assumir. (NAZAR, 2004, p. 153)

Além disso, este compromisso socialmente esperado do Sr. John Dashwood não é simplesmente referido a ele. O narrador apresenta a sua esposa com ironia:

Se tivesse se casado com uma mulher mais amável, poderia ser mais respeitado do que era, poderia até ter se tornado mais agradável, uma vez que ainda era muito jovem quando se casou e estava bastante apaixonado pela esposa. A esposa, no entanto, era uma forte caricatura dele mesmo, mas bem mais mesquinha e egoísta. (AUSTEN, 2012, p. 9)

É Mrs. John Dashwood, Fanny, quem obriga seu marido a desistir quase que completamente de sua obrigação de ajudar suas meias-irmãs e a madrasta. Jane Austen afirma claramente aqui que ele não era bem respeitado na sociedade devido ao seu comportamento e egoísmo. Além disso, a sensibilidade e o respeito da Mrs. John Dashwood para com as Dashwoods são ironizados pelo narrador:

porém a indelicadeza de sua conduta era enorme, e para uma mulher na situação de Mrs. Dashwood, tão suscetível, deve ter sido tremendamente desagradável. Porém em sua mente havia um sentimento de honra tão intenso, uma generosidade tão romântica, que qualquer ofensa desse tipo, seja quem for que a provocasse ou recebesse, era para ela motivo de um desgosto irreparável. A esposa de Mr. John Dashwood nunca foi muito benquista pelos parentes de seu marido, mas até o momento, ela não tinha tido a oportunidade de mostrar-lhes com que falta de consideração pelos outros seria capaz de agir quando a ocasião exigisse. (AUSTEN, 2012, p. 9)

Portanto, Jane Austen usa ironia e sarcasmo aqui a fim de criticar e apresentar essas atitudes de forma depreciativa dos John Dashwoods. O comportamento e atitude das meias-irmãs e madrasta parece ser sempre apresentado de forma respeitável pelo narrador, uma vez que não são egoístas como a Mrs. John Dashwood demonstra ser: esse contraste ajuda a criar a sensibilidade poética do leitor em relação às Dashwoods, ao mesmo tempo que enfatiza sentimento de que o Mr. John Dashwoods é muito egoísta e desrespeitável. Contudo, Jane Austen nunca diz nada explicitamente pela voz de qualquer personagem; tão-somente o narrador apresenta essa visão crítica sobre John Dashwood e sua esposa.

Assim, a Mrs. John Dashwood convence seu marido a não cumprir seu compromisso com suas meias-irmãs e madrasta. E é o egoísmo e a mesquinhez de sua esposa que são o fato mais determinante em sua decisão:

Mrs. John Dashwood não aprovou de forma nenhuma o que seu marido pretendia fazer pelas irmãs. Diminuir em três mil libras a fortuna de seu querido filhinho significaria empobrecê-lo cruelmente. Ela implorou para que ele pensasse melhor no assunto. Como ele, conscientemente, poderia roubar tão alta quantia de seu único filho? E que direitos poderiam ter as filhas de seu pai, que eram apenas suas meias-irmãs – que Mrs. John Dashwood sequer considerava como parentes – em contar com a generosidade de receber tão alta quantia? Todos sabiam que não era de se esperar algum tipo de afeição entre filhos de casamentos diferentes, então porque haveria ele de se arruinar e ainda arriscar o pobrezinho do Harry, enquanto dispunha todo o seu dinheiro para suas meias-irmãs? (AUSTEN, 2012, p. 11)

Ele é, de fato, comandado por sua esposa e ela não mostra apego ou relacionamento próximo com a família de seu sogro. Ambos preferem poupar todo o dinheiro para o futuro do filho do que para sua própria família das Dashwoods. Prometera ajudar sua família para nunca as deixar desamparadas. Contudo, como ele quebra o código de gentileza, é possível que ele tenha problemas de relações sociais no futuro, mas não há menção explícita a isso. Nesse caso, o leitor infere essa atitude implicitamente. Segundo Nazar,

Como o famoso segundo capítulo de **Sense and Sensibility** revela, John Dashwood não é apenas surdo à vocação de parentesco (uma vez que considera meio-sangue como não sendo sangue algum), mas também desdenha as velhas normas de cavalheirismo, que exigem que ele ajudasse a esposa e as filhas de seu pai como mulheres, senão como família. Sir John Middleton, um primo distante, é o mais próximo que chegamos de um tutor homem para as irmãs Dashwood ... (NAZAR, 2004, p. 153-154)

Como se nota, John Dashwood desrespeita as regras sociais de cavalheirismo em favor próprio, induzido por sua esposa. Apenas Sir John Middleton oferece ajuda às Dashwoods, tornando-se um guardião para elas. Segundo Nazar (2004), “**Sense and Sensibility** não é apenas um romance em que as jovens não têm guardiões significativos, mas também um romance em que se torna difícil personificar a Sociedade como guardião.” (NAZAR, 2004, p. 154). Essa crítica da autora sugere um problema social de época retratado no romance, visto que as relações familiares e de sangue podiam não ser protetoras de jovens desamparadas como as Dashwoods.

Jane Austen usa essas situações como um meio de expressar ironia, humor e sarcasmo. Nada mais interessante do que contrastar esses lados opostos. Embora de forma muito convincente Jane Austen não deixe Mr. e Mrs. John Dashwood em nenhuma situação aparentemente complicada, nem mesmo se refira a qualquer outro problema que possa acontecer. Contudo, levando em conta o contexto da sociedade da época, os

silêncios a respeito dessa situação podem sugerir que, nessa sociedade, as pessoas mais cedo ou mais tarde podem desconsiderar a família John Dashwood como forma de retaliação por seu desrespeito às Dashwoods.

Vejamos outro exemplo. A narrativa apresenta a situação de John através do convite de Mrs. Jennings para ir a Londres:

Ficarão sob os cuidados de uma boa mulher, muito maternal, de cuja bondade para com vocês não me resta dúvida. E é bem provável que encontrem seu irmão, e quaisquer que sejam seus defeitos, ou os defeitos de sua esposa, quando penso de quem ele é filho, não posso suportar que vocês estejam tão afastados uns dos outros. (AUSTEN, 2012, p. 109).

Os defeitos de John Dashwood e sua esposa é criticada aqui pelo ponto de vista da voz de Mrs. Jennings. Austen sugere algumas faltas cometidas por eles. Nesse caso, Mrs. Jennings faz uma ressalva sobre seus defeitos, o que pesa na caracterização negativa do casal.

Ao contrastar Mrs. Dashwood e a Mr. John Dashwood, o narrador expressa a dor de Mrs. Dashwood em deixar sua própria casa de uma forma muito sugestiva que a atitude de sua cunhada é criticada:

Deixar a vizinhança de Norland não era mais um empecilho, ao contrário, era um objeto de desejo, uma benção, se comparada ao tormento de continuar sendo hóspede de sua nora. Mudar-se para sempre desse lugar amado seria menos doloroso que morar ali, ou visitá-lo, enquanto essa mulher fosse sua dona. (AUSTEN, 2012, p. 21)

Neste momento, a narradora mostra sofrimentos da Mrs. Dashwood causados devido à hipocrisia e atitudes desagradáveis de sua nora. Mais uma vez, podemos perceber o apego e a sensibilidade do narrador para com as Dashwoods, quando enfoca sentimentos da viúva que prefere sair de Norland do que permanecer na propriedade juntamente com Fanny.

Além disso, uma vez que as Dashwoods ficaram desamparadas, Mrs. Jennings e o Mr. Middleton ofereceram gentilmente o Chalé Barton por uma quantia muito acessível. Essa atitude também é muito contrastante com a atitude do Mr. John Dashwood para com sua própria família, porque é irônico que uma família distante às Dashwoods lhes tenha oferecido ajuda, enquanto próprio membro familiar negou o que era devido a elas e o que ele havia prometido. Isso é algo que o narrador não expressa no romance, mas deixa apenas ver nas entrelinhas sobre o comportamento de desrespeito e falta de consideração.

O narrador representa as atitudes, comportamentos e personalidade da Mrs. Jennings e do Mr. Middleton de uma forma cômica, apesar de terem ajudado as Dashwoods. Esta é uma maneira de tratar o compromisso social de uma forma irônica, mas principalmente para sugerir que, mesmo pessoas triviais como os Jennings e Middletons são capazes de oferecer ajuda e expressar sua sensibilidade sem qualquer relacionamento ou obrigação prévia. Este é outro silêncio no romance que transmite que o Mr. John Dashwood e sua esposa são muito egoístas. Além disso, pode sugerir que não queiram manter nenhum tipo de relacionamento familiar amistoso, tampouco dar o mínimo apoio financeiro para sua família. É com esse tipo de silêncio sarcástico e irônico que Jane Austen lida com sua falta de compromisso social e familiar.

Mrs. Jennings é apresentada por meio dessa visão cômica. Ela quer nada menos do que se casar com “o resto do mundo”:

Mrs. Jennings era uma viúva com uma polpuda renda. Teve duas filhas, que eram respeitavelmente bem casadas e, portanto, agora não tinha mais nada o que fazer senão casar o resto do mundo. Ela se esforçava ao máximo na tentativa de cumprir esse objetivo de maneira bastante zelosa e não perdia nenhuma oportunidade de planejar casamentos entre os jovens que conhecia. Era muito rápida para descobrir quem se sentia atraído por quem, e apreciava a vantagem de provocar rubores e aguçar a vaidade de muitas jovens com insinuações relacionadas ao poder que exerciam em determinados jovens cavalheiros. Com esse tipo de discernimento, foi capaz de, assim que chegou a Barton Park, dizer que o Coronel Brandon estava muito apaixonado por Marianne Dashwood. (AUSTEN, 2012, p. 30)

Pode-se perceber a boa disposição da Mrs. Jennings em ajudar e casar todos os jovens à sua volta, embora isso seja tratado de forma cômica. Sua atitude, embora considerada ingênua, não é tão egoísta quanto a da Mrs. John Dashwood, porque a representação dessa personagem, apesar de cômica, expressa hilaridade, senso de humor e boa disposição para com as Dashwoods. A Mrs. Jennings apresenta um tipo de proteção maternal excessiva, o que, para uma sociedade como a de Jane Austen, poderia ser considerada ridícula, embora isso fosse muito comum, já que em geral mães, avós e tias tinham nada menos que proporcionar a suas filhas um casamento bem sucedido. Embora ela zombe do Coronel Brandon e Marianne, ela se sente obrigada a ‘ajudá-los’ a se casar e sente que eles provavelmente se amam secretamente. Essas zombarias parecem denotar sua tentativa de chamar a atenção deles para a possibilidade de se casarem.

No entanto, embora os Jennings e os Middletons tenham sido muito gentis em oferecer sua casa de campo, Elinor e Marianne não aguentam mais suas “civilidades”:

Mesmo difícil de contentar, Marianne, que estava perfeitamente consciente dos modos de Mrs. Jennings que tanto a desagradavam, estava disposta a passar por cima de qualquer inconveniência desse tipo, desprezando o que podia ferir seus irritáveis sentimentos, apenas para alcançar seu objetivo. Era uma prova tão forte e tão completa do quanto essa viagem era importante para ela, que apesar de tudo o que ocorresse, Elinor não estava preparada para testemunhar. (AUSTEN, 2012, p. 109)

É possível perceber novamente o narrador entrando na mente de Elinor e Marianne, a fim de investigar seus pensamentos e julgamentos. Por mais que seu desgosto seja enorme, procuram preservar as boas aparências e mais uma vez a autoformação encarnada é uma forma de proteção e civilidade, pois lhes devem dever e respeito. Não há nada explícito entre as personagens, apenas os silêncios permeiam seus relacionamentos, sugerindo de vez em quando que eles devem manter o respeito, embora não possam suportar mais estar em sua presença. O narrador revela todos meandros subjetivos das personagens, investigando as mentes, sentimentos, pensamentos e ansiedades de suas heroínas. Segundo Nazar (2004),

Os Middletons são incapazes de ficar sozinhos porque não têm um Eu ou subjetividade para chamar de sua. Não é de se surpreender que não sejam uma boa companhia. Na verdade, repetidamente Elinor e Marianne são forçadas a manter compromissos que prometem pouco ou nenhum prazer, porque as pessoas do grupo têm pouco em comum e nada de substancial a dizer umas às outras. (NAZAR, 2004, p. 154)

Como se nota, as Dashwoods são obrigadas a manter relação com os Middletons, representados de forma trivial, sem subjetividade e que pouco partilham com as Dashwoods. Nesse sentido, mantêm relações sociais por convenção, considerando que esse é um dos poucos círculos sociais em que podem encontrar algum tipo de apoio financeiro. Essas relações superficiais acontecem também com a família de John Dashwoods da mesma forma que os Middletons. Para Nazar (2004),

Na sala de estar dos John Dashwoods, por exemplo, “nenhuma pobreza de qualquer tipo, exceto de conversação, apareceu – mas lá, a deficiência era considerável” (p. 204). Essa pobreza, aliás, é característica não só do salão metropolitano, mas também da casa de campo, espaço social tradicional em que se reúnem as famílias da pequena nobreza. Nos Middletons, por exemplo, nem o anfitrião nem a anfitriã encorajam qualquer troca substantiva de interesses ou ideias: ela mal fala e ele prefere jogos e risos aos rigores da conversa estruturada. (NAZAR, 2004, p. 155)

O comprometimento do Mr. Middleton é visto com ironia pelo narrador de Jane Austen. Enquanto ele convida a todos para um passeio no Parque, os pensamentos de Elinor são revelados pelo narrador:

Elinor sabia muito bem que as moças mais doces do mundo podiam ser encontradas em qualquer parte da Inglaterra, sob todas as variações possíveis de forma, rosto, temperamento e inteligência. Sir John queria que toda a família fosse imediatamente a Barton Park para ver suas hóspedes. Que homem benevolente e filantrópico! Para ele, era difícil guardar para si até uma prima em terceiro grau. (AUSTEN, 2012, p. 86)

Assim, como podemos perceber, o pensamento de Elinor é permeada por ironia e *wit*, mas o contraste entre os Middletons e os Jennings com o Mr. e a Mrs. John Dashwood possibilita o julgamento e a crítica em relação a eles. A ironia sugere sua superficialidade e personalidade enfadonha em termos de respeito social e confiança. Em contraste, a personalidade e o eu interior de Elinor são psicologicamente adentrados aqui, uma vez que ela é sempre apresentada com mais bom senso, pois percebe a superficialidade das pessoas, o que é revelado pelo narrador. De acordo com a argumentação de Nazar (2004),

as irmãs Dashwood sofrem um tédio terrível nos encontros da sala de estar dos Middletons e dos John Dashwoods. A sala de estar, além disso, pode evocar não só o tédio, mas também a claustrofobia, como é destacado pela descrição do narrador da sala de estar de Londres ... (NAZAR, 2004, p. 164).

Portanto, o tédio e uma sensação de claustrofobia permeiam as relações das Dashwoods com os Middletons e os John Dashwoods, tornando-se insuportável sua presença e encontros superficiais.

Além disso, o Coronel Brandon poderia ser considerado também um exemplo de compromisso social no romance, talvez o único extremamente preocupado com o bem-estar das Dashwoods:

Agora você pode ver como é o seu caráter: gastador, libertino, e talvez pior que isso. Sabendo de tudo, como eu sabia há muitas semanas, imagine o que senti ao ver sua irmã tão apaixonada por ele como sempre, e na certeza de que iriam se casar, tente imaginar como me senti por causa de vocês. Quando estive aqui na semana passada, e a encontrei sozinha, estava decidido a saber a verdade, embora não soubesse o que fazer ao descobrir. Você pode ter achado meu comportamento estranho na ocasião, mas agora poderá me compreender melhor. Sofria por vê-las tão enganadas, por ver sua irmã... Mas o que eu poderia fazer? Não tinha esperança alguma de interferir com êxito, e às vezes pensava que a influência de sua irmã poderia recuperá-lo. (AUSTEN, 2012, p. 144)

Ele estava preocupado com as Dashwoods, já que estava interessado no afeto de Marianne. Ele incorpora uma disposição em ajudar as pessoas, uma espécie de senso de caridade cristão e burguês, assim como fazem os Middletons e os Jennings. Todas essas atitudes benevolentes podem ser contrapostas ao Mr. John Dashwood para criticar e

ênfatizar, nesses contrastes, sua preocupação egoísta por uma segurança que poderia comprometer a vida futura de seu filho. Por isso, prefere deixar as Dashwoods quase sem teto. Contudo, as pessoas não considerariam essa atitude positivamente.

A ironia, *wit* e os silêncios são os procedimentos muito significativos para provocar uma crítica social, à medida que o narrador aborda problemas sociais como a falta de compromisso social e familiar. Além disso, é por meio da ironia, da sagacidade e do silêncio que ela focaliza sua posição e o ponto de vista distanciados sobre esses fatos, atitude que sugere reprovação e desconsideração. É incrível como Jane Austen pôde criar uma obra-prima literária muito interessante, agradável e divertida, embora ela tenha se referido às atitudes desagradáveis e sinistras da sociedade inglesa do século XVIII. Só pelos silêncios, contrastes e pela ironia é que foi possível tocar nessas questões sociais e culturais.

3. Relações de Poder na Família representadas em Silêncios, *Wit* e Ironia

Ao mesmo tempo em que Jane Austen nos apresenta o compromisso social em **Sense and Sensibility**, ela também representa o poder da família, analisando essa problemática do ponto de vista de suas protagonistas. O poder familiar se opõe fortemente ao compromisso social nesses romances, uma vez que entram em contradição. Na verdade, a falta de compromisso social é consequência do poder familiar excessivamente empregado. Este determina o comprometimento social e os comportamentos e atitudes das personagens. As duas principais situações de poder familiar são mostradas nos relacionamentos no tocante a John Dashwood para com suas meias-irmãs e sua madrasta, bem como da Sra. Ferrars para com seus filhos Edward e Robert.

É importante considerar que há uma ruptura nas relações familiares no romance. Assim, essa situação é determinada pelo poder dos chefes de família. Sr. John Dashwood deveria prover recursos financeiros, mas ele não usa seu poder em termos de poder financeiro, paterno e familiar. Ele não cumpre seu dever com as Dashwoods e, pode-se dizer que poderia arruinar as Dashwoods para realizar os propósitos da sua esposa, se elas não conseguissem se casar. No início do romance, aceitou o pedido de seu pai em prover suas meias-irmãs e madrasta, mas é sua esposa quem determina que as Dashwoods não receberão nenhuma ajuda em dinheiro substancial, mas algum tipo de presente no Natal. Por exemplo, o narrador logo no início afirma que “ele não tinha a intenção de ser indelicado, porém, e como demonstração de seu afeto pelas três meninas, deixou mil libras para cada uma” (AUSTEN, 2012, p. 8-9). *Wit* e ironia são aqui mecanismos que

ajudam a revelar suas intenções, enfatizando sua falta de sensibilidade. Mas, claro, não é apenas a Mrs. John Dashwood que é egoísta e mesquinha, mas seu próprio marido:

Mr. John Dashwood não tinha fortes sentimentos pelo resto da família, mas se comoveu com a recomendação, de tal natureza e feita em tal hora, que prometeu fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para o bem de suas parentas. Seu pai se tranquilizou após sua promessa, e Mr. John Dashwood teve tempo para considerar o quanto poderia ajudá-las de maneira prudente. (AUSTEN, 2012, p. 9)

O narrador fornece uma descrição aparentemente sensata de seus sentimentos, mas apresenta também de forma irônica. Seu ponto de vista nos leva a imaginar que seu comportamento ocasionar alguns problemas de relacionamento familiar. É ela, Fanny, que, passo a passo, dissuade o Sr. John Dashwood de cumprir sua promessa de ajudar suas irmãs e madrasta:

Mrs. John Dashwood não aprovou de forma nenhuma o que seu marido pretendia fazer pelas irmãs. Diminuir em três mil libras a fortuna de seu querido filhinho significaria empobrecê-lo cruelmente. Ela implorou para que ele pensasse melhor no assunto. Como ele, conscientemente, poderia roubar tão alta quantia de seu único filho? E que direitos poderiam ter as filhas de seu pai, que eram apenas suas meias-irmãs – que Mrs. John Dashwood sequer considerava como parentes – em contar com a generosidade de receber tão alta quantia? Todos sabiam que não era de se esperar algum tipo de afeição entre filhos de casamentos diferentes, então porque haveria ele de se arruinar e ainda arriscar o pobrezinho do Harry, enquanto dispunha todo o seu dinheiro para suas meias-irmãs? (AUSTEN, 2012, p. 11)

O narrador apresenta o poder familiar, modulado pela falta de compromisso social, no seio da família Ferrars. Mrs. John Dashwood, Fanny, é filha da Mrs. Ferrars, e tanto a mãe quanto a filha decidem e controlam o futuro das Dashwoods e dos Ferrars. É possível que o narrador visasse desvendar uma espécie de ruptura social, devido a esse comportamento, que leva ao uso exagerado, intensivo e extenso do poder familiar, a fim de coibir e punir seus comportamentos. Na verdade, podemos presumir que Jane Austen desejava introduzir e induzir o entendimento de que o poder familiar, quando usado indevidamente, é concebido como um meio de forjar a falta de compromisso social, ao invés de proporcionar conforto e segurança familiar e social. E esse é o caso dos Dashwoods.

Além da influência de Fanny no destino das Dashwoods, em **Sense and Sensibility** o narrador apresenta a Mrs. Ferrars, cujo comportamento social e seu egoísmo são representados negativamente. Ela não figura no romance, apenas mencionada *en passant* pelos outros personagens e pelo narrador. Edward Ferrars sempre foi considerado

o filho mais querido da Mrs. Ferrars: ela desejava que ele fosse advogado, como uma forma de determinar e proporcionar-lhe uma vida mais confortável e segura. Como afirma o narrador, de forma irônica,

Algumas mães poderiam ter encorajado a intimidade por motivos interesseiros – pois Edward Ferrars era o filho mais velho de um homem que morrera riquíssimo – enquanto outras teriam reprimido a intimidade por prudência, já que, com exceção de uma quantia insignificante, toda sua fortuna dependia da herança da mãe. (AUSTEN, 2012, p. 15)

Nessa passagem, percebe-se o poder familiar, incorporado na figura de Mrs. Ferrars, que quer determinar o destino de Edward. No entanto, as atitudes da Mrs. Ferrars para com seus filhos chamam a atenção. Visto que detém o poder de herança familiar, acaba por deserdar Edward ao invés de agraciá-lo. Ela se deixa convencer pela adulação surpreendente de Robert Ferrars:

O que Edward tinha feito para perder seus direitos de filho primogênito poderia ter deixado muitas pessoas confusas, e o que Robert fizera para obtê-lo podia deixar essas pessoas ainda mais perplexas. Foi um acordo, porém, justificado por suas conseqüências, senão por sua causa; pois nada no estilo de vida de Robert ou no seu jeito de falar levantou a suspeita de que lamentasse o montante de suas rendas, seja por deixar demasiado pouco ao irmão, seja por proporcionar-lhe tanto... E se Edward fosse julgado pelo imediato cumprimento de seus deveres, em todos os detalhes, por um crescente apego à sua esposa e ao seu lar e pelo constante bom humor, poderia se supor que não estava menos contente com sua sorte, nem menos livre de desejar qualquer mudança. (AUSTEN, 2012, p. 251)

Os não-ditos sugerem algo sinistro e estranho: se há uma espécie de perversão no comportamento social dos Ferrars, há também outra espécie de ruptura na relação familiar: como a vontade e o poder da Sra. Ferrars prevalecem em sua relação familiar, ela também se deixa convencer pelo seu filho Robert Ferrars e Lucy. Assim, há alguns indícios de fraqueza no poder familiar nas atitudes da Mrs. Ferrars. Mas Robert consegue sua fortuna de volta, porque ele e Lucy adulam a Mrs. Ferrars a fim de recuperar seus sentimentos filiais. A adulação aqui é uma das causas que direcionam a atenção e consideração de sua mãe:

Em poucas palavras, rapidamente tornou-se evidente para ambos que ele havia suplantado por completo a preferência dela pelo irmão. Robert estava orgulhoso de sua conquista, orgulhoso de enganar Edward, e mais ainda por ter se casado secretamente sem o consentimento da mãe. O que aconteceu depois já se sabe. Passaram alguns meses felizes em Dawlish, pois Lucy tinha muitos parentes e velhos conhecidos com quem contar, e Robert desenhou muitos planos para magníficos chalés. Quando voltaram a Londres, obtiveram o perdão de Mrs. Ferrars pelo simples expediente de pedi-lo, procedimento este adotado por instigação de Lucy. O perdão,

a princípio, obviamente foi dado apenas a Robert, e Lucy, que não tinha nenhuma obrigação com sua sogra e, portanto, não podia transgredir nenhuma, permaneceu algumas semanas sem ser perdoada. Mas a perseverança de um comportamento humilde e as mensagens onde assumia a culpa pela ofensa de Robert, e declarava estar grata pela dureza com que era tratada, proporcionaram-lhe, com o tempo, o altivo reconhecimento de sua existência pela sogra, a quem conquistou com sua graciosidade e que logo a conduziu, em rápida sucessão, ao mais alto grau de afeto e influência. Lucy tornou-se tão necessária a Mrs. Ferrars como Robert ou Fanny; e enquanto Edward nunca foi perdoado de todo coração por uma vez ter pretendido casar-se com ela, e se referirem a Elinor, apesar de superior a Lucy em fortuna e berço, como uma intrusa, *ela* sempre foi considerada e abertamente declarada como a nora favorita. Foram morar em Londres, receberam um apoio muito generoso de Mrs. Ferrars e tinham o melhor relacionamento possível com os Dashwoods [...] (AUSTEN, 2012, p. 251).

Muito convenientemente, o narrador critica as atitudes da mãe e do filho com ironia e *wit*. O narrador sugere que a falta de sentimentos da Mrs. Ferrars foi suprida pelas habilidades de lisonja de Lucy. Representa uma sociedade superficial e cínica, que modela sua própria forma de “polidez” e oculta sua fraqueza em relação à família, embora suas atitudes, comportamentos e nascimento sejam muito menos respeitáveis e moderados. A autoformação é percebida nessa atitude, como quase em toda parte, como um meio de obter favores, vantagens e *status* social. No entanto, a ironia do narrador não permite que esse comportamento seja representado sem uma visão negativa e depreciativa sobre ele. Podemos ver os silêncios e as incongruências da falsidade e perversão das personagens como uma forma de controle e um padrão de comportamento e cinismo.

Como o narrador sugere, as personagens de Robert Ferrars e Lucy Steeles tendem a ser lisonjeiros:

Como eles puderam se unir e o que atraiu Robert a ponto de levá-lo a se casar com uma moça, de cuja beleza ela mesma o ouvira falar sem qualquer admiração, uma moça já comprometida com seu irmão, e por quem esse irmão havia sido expulso da família, tudo isso era algo que estava além da compreensão de Elinor. Para seu coração era algo maravilhoso, para sua imaginação era algo ridículo, mas para sua razão, seu julgamento, era um perfeito enigma. [...] Edward poderia apenas tentar explicar com a suposição de que, talvez, depois de um primeiro encontro acidental, a vaidade de um insuflada pela bajulação do outro, levasse pouco a pouco a todo o resto. (AUSTEN, 2012, p. 243)

Lucy e Robert são representados negativamente aqui por suas habilidades lisonjeiras, às quais se alude satírica e ironicamente, embora não tenham qualquer civilidade social ou polidez superior à de Edward e Elinor. A falta de beleza de Lucy e o ar de desprezo de Robert não são levados em conta na afetividade materna. A ironia aqui é que a Mrs. Ferrars e seu filho escolheram a garota mais inconveniente em termos de maneiras, nascimento e inteligência, privando-se do bom senso e moderação de outras

peessoas como Elinor. Essas sutilezas não são representadas de forma explícita, mas o leitor deve conectar cada sugestão para construir um retrato de seu comportamento por meio dos silêncios e incongruências nos comportamentos das personagens, das rupturas sociais e familiares.

Considerações Finais

Em **Sense and Sensibility**, Jane Austen retratou uma sociedade cujas pessoas e personagens eram muito variados em traços psicológicos. Ela os apresentou através dos silêncios e da ironia que atraem a atenção do leitor. Assim, ela usa essas técnicas - ironia, sagacidade, quadrinhos e os silêncios – para transmitir seus sentimentos em relação à sociedade inglesa do século 18, sejam eles positivos ou negativos.

Outra característica importante dos romances de Jane Austen foram os procedimentos miméticos criados por ela. Pela primeira vez na literatura ocidental, temos algo que realmente não entendemos de antemão: a caracterização mais profunda dos personagens dos romances. Ela faz isso entrando e pesquisando as mentes de suas heroínas e heróis. E, por meio dessas técnicas, ela usa a ironia e a sagacidade como forma de transmitir um julgamento e uma visão crítica dessa sociedade.

Esta pesquisa discutiu o problema da representação do eu interior das personagens. Esta representação é construída a partir do ponto de vista do narrador, que escolhe uma das heroínas, por meio das quais investiga e representa o seu meio a partir deste ponto de vista. Além disso, Jane Austen também emprega uma personagem vilã, como uma espécie de duplo na narrativa, a fim de realçar o caráter de outra personagem, bem como desenvolver a trama em torno dessa personagem.

A pesquisa também analisou de que forma Jane Austen representa questões como a família, a sociedade e os indivíduos por meio da ironia, sagacidade e do sarcasmo. Esta técnica foi aprimorada ao longo de sua criação literária. Além disso, os silêncios a ajudam a sugerir que algo sinistro é escondido pelos personagens, que revelam quais são suas segundas intenções. Analisa-se também as relações de poder e da família no romance, representados de forma crítica e irônica.

Além disso, o compromisso social é expresso por meio da ironia, da sagacidade e dos silêncios a fim de transmitir que, mesmo pessoas tolas como os Middletons e os Jennings são capazes de fornecer uma família sem-teto, ao contrário do Sr. John Dashwoods, que negou qualquer tipo de ajuda para sua família. O narrador também

apresenta o Coronel Brandon como um exemplo de compromisso social para contrastar com os Dashwoods. Ele está sempre preocupado com aquela família, como se fosse a sua.

A Sra. Ferrars e a Sra. John Dashwood têm poder familiar, mas desejam compromisso social. O narrador lida com essas carências com ironia e sagacidade. Os Dashwood têm poder familiar, mas não querem ter segurança financeira para si próprios. No entanto, são eles mesmos, principalmente Elinor, capazes de julgar razoavelmente o poder familiar e o compromisso social. E todos os julgamentos sobre isso são sugeridos através dos silêncios, dos não-ditos, e são principalmente analisados do ponto de vista das heroínas. Essa investigação de si mesmo é o que revela seus sentimentos, medos, frustrações e ansiedades internos. E os silêncios no romance sugerem a maldade dos personagens, o desrespeito, o desprezo e a mesquinhez.

Referências

- AUERBACH, Erich. **Mimesis: A Representação da Realidade na Literatura Ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- AUSTEN, J. **Jane Austen's Letters**. Ed. Deirdre Le Faye. Oxford: OUP, 1995.
- AUSTEN, J. **Letters to her niece Anna Austen Lefroy, 1814-1816**. Brabourne Edition, disponível em <https://pemberley.com/janeinfo/brabl16.html>, acessado em 25 de maio de 2020.
- AUSTEN, J. **Razão e Sensibilidade/Sense and Sensibility**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- AUSTEN, Jane. **Sense and Sensibility**. New York: Dover Thrift Editions, 1996.
- EGERTON, T. Introduction to **Sense and Sensibility**. In: AUSTEN, Jane. **Sense and Sensibility**. New York: Dover Thrift Editions, 1996.
- GOMES, A. E. do C.; LANDRI, E. L. M. Da Infelicidade à Infidelidade: O Adultério Feminino em Madame Bovary de Gustave Flaubert. **Porto das Letras**, v. 8, n. Especial, p. 80–98, 2022.
- GREENBLATT, Stephen. **Renaissance Self-Fashioning**. London/Chicago: Chicago University Press, 1984.
- LONG, D. L.; GRAESSER, A. Wit and humor in discourse processing. **Discourse Processes**, 1988, Vol. 11, N. 1, p. 35-60.
- LUDWIG, C. R. Judgment, Conscience and Shylock's Bond. **Porto das Letras**, v. 6, n. 2, p. 296–325, 2020.

NAZAR, Hina. The Imagination goes Visiting: Jane Austen, Judgment and the Social. **Nineteenth-Century Literature**, Vol. 59, No. 2 (September 2004), pp. 145-178.

SOARES, T. B. A semiótica do herói: A conflagração do caminho ascendente de Son Goku. **Porto das Letras**, v. 6, n. especial, p. 113–128, 2020.

WRIGHT, John et al. The life and times of Jane Austen. In: AUSTEN, Jane. **Pride and Prejudice**. Directed by John Wright. Universal Films, 2005.